

FRACASSO ESCOLAR NA ALFABETIZAÇÃO:

UM OLHAR A PARTIR DA PSICOPEDAGOGIA

*Fernanda Figueira Marquezan**

A aprendizagem da leitura e da escrita constitui-se numa das tarefas básicas propostas à educação. Aparentemente simples, essa tarefa constitui, no entanto, um dos problemas educacionais da atualidade que mais chama atenção, por isso tem sido objeto de estudos. É necessário que os educadores tenham conhecimentos que lhes possibilitem compreender sua prática e os meios necessários para promoverem o progresso e o sucesso dos alunos. Uma das maneiras de se chegar a isso é através das contribuições que a psicopedagogia proporciona, pois é a área que estuda e lida com o processo da aprendizagem e com os problemas dele decorrentes.

* Aluna do Curso de Especialização em Psicopedagogia do Centro Universitário Franciscano. Trabalho orientado pela professora Carmen Rosane Segatto e Souza, da mesma Instituição.

Introdução

Várias pesquisas têm sido realizadas para compreender o fracasso escolar na alfabetização, tendo em vista os problemas que a leitura e a escrita apresentam.

O educando chega à escola com um grande número de experiências, de aprendizagens que são ignoradas pelo professor, mas que deveriam servir como ponto de partida para as atividades pedagógicas.

Mesmo não reconhecendo os símbolos do alfabeto, a criança já “lê” o seu meio, estabelecendo relações entre significante e significado. A escola deve dar continuidade a esse processo defendendo a livre expressão da criança, pois com isso ela enfrentará com mais tranquilidade a grande aventura do primeiro ano escolar: aprender a ler e escrever.

Nesse sentido, é necessário que os educadores tenham conhecimentos que lhes possibilitem compreender sua prática e os meios necessários para promoverem o progresso e o sucesso dos alunos. Uma das maneiras de se chegar a isso é através das contribuições da psicopedagogia, área que estuda e lida com o processo da aprendizagem e com os problemas dele decorrentes. Sua nova visão sobre esse processo vem sendo apresentada e ganhando espaço nos meios educacionais brasileiros, despertando o interesse dos profissionais que atuam nas escolas e buscam subsídios para sua prática.

O interesse em pesquisar a forma como a intervenção psicopedagógica pode contribuir para a prevenção do fracasso escolar na alfabetização provém da desatenção que tem sofrido o ensino da leitura e da escrita, evidenciada no baixo rendimento escolar, nas primeiras séries do ensino fundamental; o trabalho psicopedagógico preventivo baseia-se principalmente na observação e análise profunda de uma situação concreta, no sentido de detectar possíveis perturbações no processo de aprendizagem, promovendo orientações didático-metodológicas de acordo com as características dos indivíduos e grupos.

A psicopedagogia na instituição escolar

A psicopedagogia se ocupa da aprendizagem humana e surgiu de uma demanda: o problema de aprendizagem, colocado num território pouco explorado, situado além dos limites da psicologia e da própria pedagogia. O objeto central de estudo da psicopedagogia estrutura-se portanto em torno do processo de aprendizagem humana, de seus padrões evolutivos normais e patológicos, levando em conta a influência do meio (família, escola, sociedade) nesse processo.

O trabalho na instituição escolar apresenta duas naturezas: o primeiro diz respeito a uma psicopedagogia voltada para o grupo de alunos que apresentam dificuldades na escola. O seu objetivo é reintegrar e readaptar o aluno à situação de sala de aula, possibilitando o respeito às suas necessidades e ritmos, tendo como meta desenvolver as funções cognitivas integradas ao afetivo, desbloqueando e canalizando o aluno gradualmente para a aprendizagem dos conceitos, conforme os objetivos da aprendizagem formal. O segundo tipo de trabalho refere-se à assessoria junto a pedagogos, orientadores e professores. Tem como objetivo trabalhar as questões pertinentes às relações vinculares professor-aluno e redefinir os procedimentos pedagógicos, integrando o afetivo e o cognitivo, através da aprendizagem de conceitos, de diferentes áreas do conhecimento.

Segundo Bossa, no exercício preventivo, pode-se falar em três níveis de prevenção. No *primeiro nível*, o psicopedagogo atua no sentido de diminuir a “frequência dos problemas de aprendizagem”. Seu trabalho recai nas questões didático-metodológicas, bem como na formação e orientação de professores, além de fazer aconselhamento aos pais. No *segundo nível*, o objetivo é diminuir e tratar dos problemas de aprendizagem já instalados, a partir dos quais procura-se avaliar os currículos com os professores para que não se repitam os transtornos. No *terceiro nível*, o objetivo é eliminar os transtornos já instalados, num procedimento clínico com todas as suas implicações. O caráter preventivo permanece aí, uma vez que, ao eliminarmos um transtorno, estamos prevenindo o aparecimento de outros.¹

Na sua tarefa junto às instituições escolares, o psicopedagogo, numa ação preventiva, deve adotar uma postura crítica frente ao fracasso escolar, visando propor novas alterações de ação voltadas para a melhoria da prática pedagógica nas escolas. Conforme aconselha Fernández, “para resolver o fracasso escolar necessitamos recorrer principalmente a planos de prevenção nas escolas – batalhar para que o professor possa ensinar com prazer para que, por isso, seu aluno possa aprender com prazer, tendendo a denunciar a violência encoberta e aberta, instalada no sistema educativo, entre outros objetivos...”²

¹ BOSSA, Nádía Aparecida. *A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 13.

² FERNÁNDEZ, Alicia. *A Inteligência Aprisionada*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. p. 81-2.

Fracasso escolar na alfabetização

A aprendizagem da leitura e escrita constituiu-se numa das tarefas básicas propostas à educação. Aparentemente simples, essa tarefa constitui, no entanto, um dos problemas educacionais da atualidade que mais chama atenção. O assunto tem sido questionado por parte de pais, professores e especialistas não só no que diz respeito ao domínio da escrita propriamente dita, mas às repercussões dessa aprendizagem nos vários aspectos da escolaridade.

Quando uma criança ingressa na escola, sua primeira tarefa é aprender a ler e escrever, sendo a alfabetização o centro das expectativas de pais e professores. Os pais da própria criança não têm, em geral, razão para duvidarem do sucesso nessa nova aprendizagem. No entanto, o que muitas vezes os pais e professores não consideram, é que a leitura e a escrita são habilidades que exigem da criança a atenção para aspectos da linguagem aos quais ela não precisa dar importância, até o momento em que começa a aprender a ler e escrever. Por isso, toda criança encontra alguma dificuldade nessa aprendizagem.

Aprender a ler exige novas habilidades, novos desafios para as crianças. Quando elas não conseguem atender às expectativas da professora, supõe-se e conclui-se que elas têm problemas, pois a escola constrói um modelo de “bom aluno”, mas nem todas as crianças se adaptam a esse modelo. Quando isso acontece os professores recorrem às muletas para explicar tal situação: “estas crianças não podem aprender porque não há ajuda familiar, há falta de maturidade, suposta lesão cerebral mínima ou transtornos do tipo psicomotor, na fonação, na percepção, etc...”³ Sobrecarregados de tantos males, os pequenos acabam aprendendo que não poderão aprender; buscando estratégias de sobrevivência neste sistema, tentam adequar-se às normas e copiam do quadro mesmo sem saber como e porquê. Outros se recusam a copiar, procuram outras atividades, surgindo o espaço ideal para a indisciplina.

Várias pesquisas afirmam que o fracasso na leitura constitui uma das principais causas de repetência ou atraso escolar. Cerca da metade dos alunos repete a primeira série onde a repetência é acentuada e está intimamente relacionada com problemas no ensino e na aprendizagem inicial da leitura e escrita; nos casos dos alunos provenientes de família de baixa renda, essa porcentagem sobe para 60%.⁴

³ FERREIRO, Emília. Alternativas para a compreensão do analfabetismo na região. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, 1989, v. 14, n. 21, p. 70-80, jan/jun. p. 73.

⁴ TORRES, Rosa Maria. Repetência escolar: falha do aluno ou falha do sistema. *Revista Pedagógica Pátio*, Porto Alegre, 1999, ano 3, n. 11, p. 9-11, nov/jan.

Ferreiro alerta que “a escola, geralmente ineficiente para introduzir as crianças no mundo da língua escrita, é, contudo, extremamente eficiente para conseguir fazer com que assumam a culpa de seu próprio fracasso: um dos maiores danos que se pode fazer a uma criança é levá-la a perder a confiança em sua capacidade de pensar.”⁵

Nesse contexto, o ensino da escrita tem-se reduzido a uma simples técnica que serve e funciona num sistema de reprodução cultural. Os efeitos desse ensino são evidentes, não apenas nos índices de evasão e repetência, mas nos resultados de uma alfabetização sem sentido que produz uma atividade sem consciência, desvinculada da realidade e tornando a escrita um instrumento seletivo, dominador e alienador. Ferreiro observa ainda:

Já é bem conhecido o fato de que o fracasso escolar não se distribui democraticamente no conjunto da população. O fracasso escolar inicial, que é o da alfabetização, se concentra nas populações urbanas e rurais marginalizadas. Constitui, também, lugar comum assinalar correlações positivas entre o fracasso da alfabetização no tempo escolar requerido e fatores como estado de saúde da criança (especialmente o nutricional), nível de educação dos pais, condições gerais de vida, etc. Os professores e a instituição escolar têm aceitado, com facilidade, a realidade de tais fatos...⁶

Alfabetização e desenvolvimento de seu processo

Tradicionalmente, o processo de alfabetização estava diretamente relacionado com a inteligência (QI). Essa visão que dominou, durante muito tempo, os estudos e pesquisas na área, explicava o papel desempenhado pela *ideologia do dom*, na justificativa do fracasso em alfabetização, atribuindo a responsabilidade por esse fracasso às chamadas disfunções psiconeurológicas da aprendizagem da leitura e da escrita (afasia, dislexia, discalculia, disgrafia, disfunção cerebral mínima, etc).

Mais recentemente, o foco de análise da alfabetização voltou-se para as abordagens cognitivas, sobretudo da psicologia genética de Piaget. Embora Piaget não tenha realizado investigações sobre a aprendizagem da leitura e da escrita, vários pesquisadores têm estudado a alfabetização. Entre esses, destaca-se Emília Ferreiro. Entretanto, apesar de todos os estudos realizados,

⁵ FERREIRO, E. *Op. cit.* p. 73.

⁶ *Ibidem.* p. 72.

ainda hoje a alfabetização tem sido considerada como processo de aquisição do código alfabético, em que a escrita representa a transcrição dos sons em fonemas.

Nessa concepção de alfabetização e do seu processo de desenvolvimento o aluno é considerado como aquele que não possui qualquer conhecimento, devendo estar pronto para receber as informações de como lidar com esse código, através de um professor que, detendo o conhecimento, restringe-se apenas a transmiti-lo. A escola considera-se *guardiã* do objeto cultural: a linguagem escrita, tomando-o como algo estático e imutável, como um modelo a ser seguido, que exige do educando uma atitude de respeito diante deste objeto e ainda cópia e reprodução fiel, sem direito a modificações. Dessa forma, a aquisição da leitura e da escrita deve acontecer através da utilização de um conjunto de procedimentos: métodos, técnicas e recursos, que possibilitem aos educandos adquirir habilidades em relação ao uso desse código.

O trabalho do professor quanto à alfabetização tem-se centralizado na busca “do melhor” ou “mais eficaz” método, levantando-se assim, uma polêmica em torno dos métodos sintético e analítico.

Os métodos sintéticos começam pela apresentação de elementos considerados simples (elementos sem nenhuma significação) e, por composição, vão alcançando as unidades significativas. Os métodos analíticos partem das unidades com significado (palavras ou frases) que vão decompondo progressivamente até alcançarem as unidades menores. Diante dessa dicotomia, muitos professores declaram que utilizam um “método misto”, que nada mais é do que uma mistura de elementos recebidos, que estão “na moda”. Essa forma tradicional leva a escola a ver na alfabetização uma vinculação entre os métodos utilizados e o estado de “maturidade” ou “prontidão”, a conceber a escrita como transcrição gráfica das unidades sonoras e a leitura como decodificação deste código. Tal realidade mostra o total desconhecimento dos professores quanto ao processo de alfabetização.

De acordo com Moura, “essas concepções e as formas de proceder são de certo modo responsáveis pelo fracasso das crianças, pela sua expulsão da escola, transformando-as em analfabetos funcionais que, no futuro, em alguns casos, transformam-se nos adultos que voltam à escola em busca do conhecimento não adquirido.”⁷

Além da utilização de métodos inadequados, o livro didático é apresentado para o aluno como uma “fonte de conhecimentos do mundo”,

⁷ MOURA, Tânia Maria de Melo. *A prática pedagógica dos alfabetizadores de jovens e adultos*: contribuições de Freire, Ferreiro, Vygotsky. Mació: EDUFAL, 1999, p. 127.

ao invés de ser um dos objetos de conhecimento. As atividades de leitura e escrita, baseadas no livro didático, são muitas vezes desprovidas de sentido e totalmente alheias ao funcionamento da língua.

Em contraposição a essa concepção, Emília Ferreiro propõe a psicogênese da língua escrita, em que o processo de aquisição da escrita é construído pela criança; os objetivos da alfabetização devem possibilitar ao educando ir muito além do que adquirir habilidades para a leitura e a escrita; é preciso interpretar aquilo que se lê e escreve, pois o processo de aprendizagem é resultado da atividade do sujeito que compara, exclui, ordena e reformula. Moura explica que a alfabetização “consiste num processo pedagógico e epistemológico e deve possibilitar, ao sujeito, a apropriação do sistema de representação da linguagem escrita e a sua conseqüente reconstrução e utilização para si como objeto possibilitador da apropriação de novos conhecimentos e de intervenção em diferentes situações sociais.”⁸

De acordo Smolka⁹, Emília Ferreiro deixa bem claro a sua concepção sobre o sistema de linguagem em contraposição à concepção tradicional e faz a distinção entre a escrita como sistema de representação da linguagem e a escrita como sistema de decodificação. No primeiro caso, a escrita é concebida como um código de transcrição e a aprendizagem, como aquisição de uma técnica. Tem-se uma imagem pobre do sujeito que aprende, não se consideram as experiências que ele tem e muito menos as suas concepções sobre a escrita, nem se avalia o seu caminho evolutivo até chegar à produção da escrita. No segundo caso, a escrita é entendida como um sistema de representação e a aprendizagem se converte na apropriação de um novo objeto de conhecimento. Entende-se que a evolução do sujeito em direção à apropriação da escrita é um processo complexo que se identifica com a própria história da construção da escrita pela humanidade. Portanto, esta concepção de alfabetização tem bem clara a distinção entre apropriação de conhecimento e técnica de decodificação, pois a alfabetização é um processo ativo de reconstrução por parte do aluno, que não pode se apropriar verdadeiramente de um conhecimento se não compreendeu seu processo de construção.

Essas mudanças requerem novas atitudes em relação à compreensão dos sujeitos e do objeto da alfabetização. Requer entender que a escrita não é um produto escolar, mas sim objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade e que não é pela utilização de técnicas e métodos que o

⁸ MOURA, T. M. M. *Op. cit.* p. 140.

⁹ SMOLKA, Ana Luiza. *A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização com processo discursivo*. São Paulo: Cortez, 1988. p. 47.

sujeito produz a escrita. O processo de alfabetização, enquanto construção do conhecimento, é uma tarefa crucial tanto para as crianças quanto para os professores.

A pesquisa

Com o intuito de refletir sobre o papel da psicopedagogia preventiva no fracasso da alfabetização, este trabalho optou num primeiro momento pela pesquisa bibliográfica para construção de um referencial teórico. De acordo com Lakatos & Marconi, “a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.¹⁰

Num segundo momento, tornou-se necessário fazer uma confirmação entre o referencial teórico construído e a realidade escolar, para isso, foi realizada uma pesquisa de campo do tipo descritivo-exploratória. Segundo Bastos & Keller “a pesquisa de campo visa suprimir dúvidas, ou obter informações e conhecimentos a respeito de problemas para os quais se procura resposta ou a busca de confirmação para hipóteses levantadas e, finalmente, a descoberta de relações entre fenômenos ou os próprios fatos novos e suas respectivas explicações”.¹¹

Como instrumento de pesquisa foi utilizado um questionário que constou de perguntas abertas e fechadas, aplicadas sob forma de entrevista pessoal, coletada junto aos professores, com o propósito de refletir sobre o papel da psicopedagogia preventiva no fracasso da alfabetização escolar. Como técnica de coleta de dados, a entrevista oferece várias vantagens: oferece maior oportunidade para avaliar atitudes, condutas, podendo o entrevistado ser observado naquilo que diz e como diz: registro de reações, dá oportunidade para obtenção de dados que não se encontram em fontes documentais e que sejam relevantes e significativos...¹²

O universo deste estudo foi representado por oito professores que atuam na 1ª série do Ensino Fundamental de escolas da rede pública estadual e privada de Santa Maria-RS, e ainda na Escola de Aplicação São Vicente

¹⁰ LAKATOS, Eva Maria e MARLONI, Marina de Andrade. *Metodologia do Trabalho Científico*. 4. ed. São Paulo : Atlas, 1992. p. 43.

¹¹ BASTOS, Cleverson Leite; KELLER, Vicente. 3. ed. *Aprendendo a aprender: introdução à metodologia científica*. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 55.

¹² MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa: planejamento execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990. p. 86.

de Paulo, pelo fato de a mesma ser uma extensão do Centro Universitário Franciscano onde, futuramente, acontecerão todas as atividades de prática de ensino dos cursos de licenciatura da Instituição.

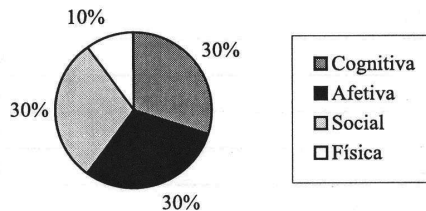
Os professores entrevistados na sua maioria possuem formação superior, com tempo de atuação no magistério entre cinco a quinze anos. Em relação ao tempo de atuação, em alfabetização, a grande maioria possui de cinco a quinze anos de experiência. A média de alunos por turma é de vinte a vinte e cinco por classe, com idade média de sete anos de idade.

TABELA 01 - Questões propostas e opiniões dos entrevistados.

Questões/Opiniões	Sim	Não	Total
Dificuldades para aprender a ler e escrever	7	1	8
Foram muitos casos de dificuldades na aprendizagem	7	1	8
Alunos reprovados	7	1	8

Percebe-se que a grande maioria dos professores entrevistados depara com alunos que manifestam dificuldades para ler e escrever, o que acarreta sua reprovação. Conforme Dorneles,¹³ à medida que começamos a estudar mais profundamente o fracasso escolar, percebemos que, no Brasil, esse problema adquire características de fenômeno de massa, ou seja, atinge a maior parte da população em idade escolar.

GRÁFICO 01 – Áreas em que as dificuldades de aprendizagem da leitura-escrita estão mais relacionadas:



¹³ DORNELES, Beatriz Vargas. Mecanismos seletivos da escola pública: um estudo etnográfico. In: SCOZ, Beatriz; RUBINSTEIN, Edith; et al. *Psicopedagogia: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. p. 251.

Os dados acima revelam que, em relação às áreas em que as dificuldades de aprendizagem estão mais relacionadas, destacam-se as áreas: cognitiva 30%, afetiva 30%, social 30%, ficando a área física em menor ocorrência, apenas 10%.

Segundo Weiss¹⁴, os aspectos cognitivos estão ligados basicamente ao desenvolvimento e funcionamento das estruturas cognitivas em seus diferentes domínios. Incluem-se nessa grande área aspectos ligados à memória, atenção, antecipação. O fracasso escolar está ligado ao aluno enquanto aprendente, isto é, especificamente às condições internas de aprendizagem.

Com relação à área afetiva, a autora ressalta a ligação entre o desenvolvimento afetivo e sua relação com a construção do conhecimento e a expressão deste através da produção escolar. O não aprender pode, por exemplo, expressar uma dificuldade na relação da criança com a sua família, sintoma de que algo vai mal nessa dinâmica.

Quanto à área social, Weiss afirma que no diagnóstico psicopedagógico do fracasso escolar de um aluno não se pode desconsiderar as relações significativas existentes entre a produção escolar e as reais oportunidades que a sociedade possibilita aos representantes das diversas classes sociais.

Em relação à área física, constata-se que os professores entrevistados não a consideram como a área que esteja mais relacionada com as dificuldades de aprendizagem, pelo fato de que em suas classes não havia crianças portadoras de necessidades especiais ou com déficit físico ou orgânico, mas reconhecem a importância do corpo na aprendizagem. É com o corpo que se fala, se escreve, se tece, se dança, resumindo, é com o corpo que se aprende, como diz Pain.¹⁵ As condições corporais sejam constitucionais, herdadas ou adquiridas, favorecem ou atrasam os processos cognitivos e, em especial, os da aprendizagem.

QUADRO 01 - A quem atribui as dificuldades de aprendizagem?

Atribui à	nº
Ausência da família	7
Mídia	4
Condição social	1
Pobreza	1
Falta de interesse	1

¹⁴ WEISS, Maria Lúcia. *Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 16.

¹⁵ PAIN, Sara. *Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem*. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. p. 22.

No quadro acima, verifica-se que a maioria dos professores entrevistados considera a ausência da família como um fator que contribui para as dificuldades de aprendizagem durante a alfabetização.

De acordo com Scoz¹⁶, a influência familiar é decisiva na aprendizagem dos alunos. Os filhos de pais extremamente ausentes vivenciam sentimentos de desvalorização e carência afetiva, gerando desconfiança, insegurança, improdutividade e desinteresse, sérios obstáculos à aprendizagem escolar.

A influência da mídia aparece como o segundo fator que contribui para as dificuldades de aprendizagem, pois conforme Libâneo¹⁷, a televisão passa a ser um instrumento cada vez mais poderosos no processo de socialização. Um dos aspectos negativos dessa influência é a tendência à passividade e à dependência das crianças, prejudicando o desenvolvimento pleno de suas capacidades cognitivas e sócio-afetivas.

Os professores consideram a pobreza ou a baixa condição social dos alunos como um fator que influencia nas dificuldades de aprendizagem. Para Scoz¹⁸, a pobreza dos alunos aparece como forte determinante dos problemas de aprendizagem. A autora ressalta que sem querer negar que grande parte do fracasso de alunos pode estar relacionada à pobreza material a que estão submetidos, é importante estar atento para que a baixa renda das famílias não seja utilizada como justificativa para o insucesso escolar das crianças, eximindo a escola de qualquer responsabilidade.

Alguns professores apontaram a falta de interesse do aluno como um fator que contribui para as dificuldades de aprendizagem. Mas, para Weiss¹⁹, é preciso que o professor competente e valorizado encontre o prazer de ensinar para que possibilite o nascimento do prazer de aprender. O ato de ensinar fica sempre comprometido com a construção do ato de aprender, faz parte de suas condições externas. A má qualidade do ensino provoca um desestímulo na busca do conhecimento. Não há assim um investimento dos alunos, do ponto de vista emocional, na aprendizagem escolar, e essa seria uma condição interna básica. Casos há em que tal desinteresse é visto como um problema apenas do aluno, sendo ele encaminhado para diagnóstico psicopedagógico por “não ter o menor interesse nas aulas” e “não estudar em casa”, baixando assim sua produção.

¹⁶ SCOZ, Beatriz Judith Lima. *Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar de aprendizagem*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 71.

¹⁷ LIBANELO, José Carlos. *Adeus professor, adeus professora? novas exigências educacionais e profissão docente*. 4. ed. São Paulo Cortez, 2000. p. 23.

¹⁸ SCOZ, B. J. L. *Op. cit.* p. 81.

¹⁹ WEISS, M. L. *Op. cit.* p. 23.

TABELA 02 - A quem recorre quando surgem as dificuldades de aprendizagem?

Recorre (à) ao	n.º	%
Família	9	29
Psicopedagogo	7	23
Fonoaudiólogo	5	16
Orientador Educacional	5	16
Psicólogo	5	16
TOTAL	31	100

No que se refere a quem o professor recorre quando surgem as dificuldades de aprendizagem, 39% dos professores entrevistados recorrem aos pais. Ao mesmo tempo que a ausência da família é considerada como um dos fatores que contribuem para as dificuldades de aprendizagem, os professores, como mostra a tabela acima, procuram a família para ajudá-los.

Constata-se que mesmo a família estando ciente das dificuldades que a criança apresenta, muitas vezes fica omissa, não contribuindo para o trabalho da escola, quando o trabalho deveria ser conjunto.

De acordo com Scoz²⁰, o contato com a família pode trazer informações sobre fatores que interferem na aprendizagem e apontar os caminhos mais adequados para ajudar a criança. Também torna possível orientar aos pais para que compreendam a enorme influência das relações familiares no desenvolvimento dos filhos.

TABELA 03 - Concepção de alfabetização

Concepção	n.º	%
Mais do que ler e escrever	5	42
Prazerosa	3	25
Desafiadora	2	17
Significativa	1	8
Criativa	1	8
TOTAL	12	100

²⁰ SCOZ, B. J. L. *Op. cit.* p. 143.

Quanto à concepção de alfabetização, percebe-se que, seguindo os professores, esse processo deve ser prazeroso, desafiador e, principalmente deve possuir significado, que permita ao aluno ir além de escrever e ler, isto é, que seja uma construção resultante da interação da criança com a língua escrita.

Conforme Weiss²¹, alfabetizar é penetrar num mundo novo, é mudar o eixo referencial da vida. O domínio da língua escrita dá à criança uma autonomia ao mesmo tempo prazerosa e assustadora.

QUADRO 02 – Métodos de alfabetização

Método utilizado		Método proposto
Sim: 3	construtivista construtivista sócio-interacionista silábico-alfabético	Pela escola: nenhum Pessoal: todos possuem um método pessoal ou em construção comunitária coletiva
Não: 5		

Todos os professores entrevistados foram unânimes em dizer que a escola não apresenta um método de alfabetização, todos utilizam um método pessoal ou em construção comunitária com os demais professores.

Apenas três professores entrevistados disseram possuir um método de alfabetização específico, seja o método construtivista, seja o método sócio-interacionista, seja o método silábico-alfabético. Mas, através da entrevista, foi possível constatar que os professores possuem pouco esclarecimento sobre a teoria que os fundamenta.

Com relação às alternativas didáticas, Ferreiro afirma que muitos professores declaram utilizar um “método misto”, que nada mais é, em realidade, do que uma mistura de elementos recebidos por tradição de outros que estão “na moda” e de uma certa dose de intuição.²²

²¹ WEISS, M. L. *Op. cit.* p. 70.

²² WEISS, M. L. *Op. cit.* p. 73.

Conclusão

O fracasso escolar na alfabetização, ainda hoje, faz parte do cotidiano das nossas escolas. Essa constatação reforça a importância do psicopedagogo institucional no sentido de criar condições juntamente com os professores para que a aprendizagem da leitura e da escrita aconteça de maneira eficaz, prazerosa e significativa. Esse profissional deve atuar como assessor, na busca da melhoria do processo de aprendizagem, desenvolvendo um trabalho integrado com o professor e com a escola no sentido de melhor desenvolver a prática educativa. Isto significa que o professor precisa entender como acontece a aprendizagem da leitura e da escrita, buscando as origens das dificuldades, do fracasso, avaliar, diagnosticar e, acima de tudo, estabelecer um rumo teórico de ação.

É portanto através da intervenção psicopedagógica dirigida aos professores que se acredita no real progresso da aprendizagem, voltada, sobretudo, para o desenvolvimento do aluno como agente produtor do seu meio e não apenas como um resultado.